

Tudo em torno de nós, tudo é ventura,
 Surgimos da mais terpe seguntura.
 A campara de tremenda opacidade,
 Que abafava a razão, a liberdade.
 Estalou por cem partes: nós já somos
 Nação d'heros, como outrora fomos.
 E a quem senão a ti, Nicolau Santo,
 A quem senão a ti se deve tanto?
 Tu nos despiste dos grilhões os pulsos;
 Tu deste ao coração nobres impulsos.
 Dos sabios protector, sabios armaste;
 Com elles a victoria coroaste.
 Leis nascidas no Beo mandaste a Terra:
 O mundo agora num paraizo encerra,
 He Portugal... oh Reino venturoso,
 Como te ergues ufano e glorioso!
 Todos a Nicolau devem dar graças,
 Por que elle anniquilou geraes desgraças.
 Mas tu ó bella, illustre juventude,
 Que a Sapiencia cultivas e a virtude,
 Tu que ja da mais alta antiguidade
 Usas especial festividade
 Para honrar Nicolau, qual n'este dia
 Não se deve ostentar tua alegria?
 Onde acharás magnificos festejos
 Igual ao teu vivissimo desejo?
 Aqui, alli exaltarás victorios
 D'emblemas d'heos, arcos majestosos!
 Carroças de triumpho adarnas cada
 D'instrumentos sonoros carregadas
 Pelas ruas com prompta irão rolando
 Os olhos, os ouvidos encantando!
 Engenheiros, foguetes crepitantes,
 Pintadas luminarias scintillantes!
 Ah! tudo é juves: a gratidão no feito
 Progorizo demanda mais perfeito.
 Numma ideia so ha que satisfaca;
 So ella fecha em si grandesa e graça.
 Sois vós, ó sexes amavel, vós ó bellas,
 Do mundo social ricas estrellas,
 Sois vós que de mãos dadas co'estudante
 A Função mais completa, mais brilhante,
 Qual nunca se tem visto, vereis hoje,
 Vinde ligeiras porque o tempo foge:
 Deixae os vossos fastiosos lares,
 Vinde livres folgar em livres ares.
 Eis de myrtho ja promptas sem capellas,
 Festeis das flores mais gentis, mais bellas,
 Adornadas assim, assim floridas,
 Quaes as nymphas de Vênus mais queridas,

Que dança, festival não travaremos?
Bo'os pés e'as niveas mãos, eia exultemos!
Baia um frasco no hombro o airoso rosto,
Resumbando na eor' terrura e gosto,
Bo's ventos fogem os cabellos d'ouro
Por entre as rosas, e o vicoso leivo.
A furto ás vezes no travado enleio
O seio d'elle toque d'ella o seio.
Palpite o coracão, core-se a face,
Ou desmaio subtil a eor' embace.
Agora sim: mil vivas revouando
Com pleno gosto os olhos vão tocando:
Nosso desejo agora é satisfeito:
Isto sim é gozar, gozar perfeito.
Ue funecão sem equal, funecão d'arromba,
Aqui révras tu, Anjea, a tromba.
Aqui, oh caixeirinho, que pensavas,
Que hoje do mel d'amor farias chupavas,
Qual na forca da calma hum figo pês,
Morres mil vezes por lamber em sêes.
Coitados! jurém queixa-te da sorte:
Sempre o frasco cedeu ao que é mais forte.
Oh! como Dulcinêa bem se enlaça!
Em amaryllis que donaire e graça!
Ferra a dança outra vez: os attos feitos
De Nicolau cantemos satisfeitos.
Liberton Portugal do Despotismo,
Sanniu rancoras leis no horror do abysmo.
Zaria, Turba escolastica, em memoria
Facamos Guimaraes nadar em gloria.
Mas não turpe este gosto ardar pedante,
Que, se o fez, feito em ju' he n'hum instante.
Temos lei: ignorancia não se abegue
Para que esta noticia a todos chegue,
Ue que á voz do tambor que vai tocando,
Vou eu ao ar este Pregão lançando.